

Fome na América Latina e Caribe: “O passado é mudo ou continuamos sendo surdos?”



Beatriz Gomes Cor-
nachin

O cenário alimentar da América Latina e Caribe apresenta aspectos desafiadores. O contraste entre uma região exportadora de commodities e os elevados índices de desnutrição e insegurança alimentar nos leva a indagar as motivações para tal realidade. No caso, o texto tem por intuito tecer algumas reflexões acerca do impacto de um passado colonial na região. Assim como a sua conexão com a atualidade no que tange o cenário agroalimentar e a destinação de terras para a produção de commodities ontem e hoje bem como a imposição das políticas e seus atores que contribuem para o atual cenário que a região experimenta no que tange ao cenário agroalimentar. Para tanto, a fim de exemplificar o argumento de tal impacto estrutural imposto historicamente, os exemplos de Cuba e Haiti são contrastados de maneira mais específica.

O relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) “América Latina e Caribe: Panorama Regional da Segurança Alimentar e da Nutrição” publicado em 2023 evidencia os principais indicadores, tendências e motivadores do cenário alimentar da região. Ainda que alguns indicadores estejam melhores quando comparados os anos de 2021 e 2022, a região está distante de atingir as metas do segundo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável “Fome Zero e Agricultura Sustentável” até 2030. Durante o ano de 2022, a região também apresentou uma prevalência de insegurança alimentar (moderada ou grave) mais elevada que a estimativa mundial e com uma diferença dos indicadores entre homens e mulheres e zonas urbana e rural também maiores que a média mundial. É fundamental pontuar ainda que os dados da FAO não evidenciam a diferença racial, mas em países como o Brasil, marcado pelo racismo estrutural, a insegurança alimentar afeta mais a população negra e em especial as mulheres negras.¹

Como consta na tabela 1 (p.57), no caso do Caribe, a Prevalência de Desnutrição (PoU) e a insegurança alimentar moderada e grave apresentaram aumento. Dentre as causas de tal cenário, o relatório relaciona o elevado custo das dietas saudáveis com o impacto da pandemia de Covid-19, a crise climática e o conflito na Ucrânia. Também pontua a desaceleração econômica, o aumento da inflação alimentar e as desigualdades de rendimentos na região.

Palavras-chave: Fome; Segurança Alimentar; América Latina e Caribe; Haiti; Cuba.

1. Como evidenciado pelo último relatório da Rede Pennsan: Insegurança alimentar leve, moderada ou grave – Média nacional (58,7%); Homem Branco (41,7%); Mulher Branca (52,5%); Homem Negro (60,3%); Mulher Negra (69,9%)

Indicador/Região	Mundo	América Latina e Caribe	América do Sul	América Central	Caribe
Prevalência de Subalimentação (%)	9,2	6,5	6,1	5,1	16,3
Número de pessoas subalimentadas (milhões)	735,1	43,2	26,8	9,1	7,2
Prevalência de insegurança alimentar grave (%)	11,3	12,6	12,7	8,6	28,2
Homens	9,5	11,2	11,1	7,3	26,7
Mulheres	10,6	13,8	14	9,3	29,8
Rural	12,8	14,4	14,5	11,9	28
Periurbana	11,6	12,6	12,3	9,9	12,3
Urbana	9,4	10,1	10,7	5,9	10,7
Prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave (%)	29,6	37,5	36,4	34,5	60,6
Homens	25,4	32,7	31,3	29,5	58,9
Mulheres	27,8	41,8	40,9	38,7	62,8
Rural	33,3	40,4	37,2	43,5	57,8
Periurbana	28,8	38,6	37,5	37,6	48,6
Urbana	26	32,1	32,5	27,8	47,3
Custo de uma dieta saudável - Dólares por pessoa por dia	3,66	4,08	3,82	3,63	4,41
Pessoas que não podem acessar uma dieta saudável (%)	42,2	22,7	20,6	22,2	57
Número de pessoas que não podem acessar uma dieta saudável (Milhões)	3.139,50	133,4	83,8	34,2	15,4

Tabela 1. Indicadores - Panorama regional da Segurança Alimentar e da Nutrição 2023 FAO.
Fonte: elaboração própria com base em FAO (2023).

Entendemos que o relatório tem uma perspectiva de análise conjuntural e menciona os motivadores que podem ser observados de maneira mais pontual, não necessariamente evidenciando as contradições estruturais que fazem com que a região apresenta níveis elevados de insegurança alimentar e de desnutrição. Deve ser levado em consideração, o fato de que a realidade acerca da questão alimentar na região e no mundo já não estava nos caminhos para “Fome Zero até 2030” mesmo antes da pandemia.

A fome² e as temáticas que a envolvem mobilizam conhecimentos de diferentes áreas, aqui, foca-se em um desses aspectos, relacionado de maneira estrutural com a questão: a relação histórica do passado colonial e da destinação das áreas de plantio à produção de

2. Importante mencionar que a própria conceituação acerca da privação alimentar tem suas diferenças conceituais, como fome, desnutrição, subalimentação, má-nutrição, insegurança alimentar. Tais diferenças não estão relacionadas apenas a questões técnicas ou de mensuração, mas evidenciam também toda uma trajetória de disputa acerca da conceituação e dos atores envolvidos na cadeia alimentar, desde o produtor até o consumidor.

gêneros para exportação, em detrimento de áreas para cultivos alimentares da população. Portanto, a dimensão política da alimentação está longe de ser uma escolha individual, pois perpassa uma estrutura de organização da divisão internacional do trabalho, inclusive estreitamente vinculada com a própria temática alimentar e suas variáveis. Esse passado colonial e tal destinação de terras esteve atrelado ao desenvolvimento de um modo de produção específico, o capitalismo. Ainda hoje, vivemos sob tal modo e, portanto, ainda que com diferenças entre regiões e vivências, no geral são as determinações desse modo de produção que implicam na questão alimentar e, inclusive na própria determinação do que é bom para comer (SANTOS, LOBERA, 2018). Acerca da América Latina e Caribe e mais especificamente sobre o Caribe, os séculos de dominação das potências coloniais, revelam uma rica relação entre o que lhes é comum e o que é diverso. (ZANETTI, 2018).

Tendo em vista o comum, podemos citar justamente o histórico que envolve tais territórios, especialmente as Antilhas, anteriormente conhecidas como ilhas do açúcar (ou Sugar Islands). No caso, potências coloniais como Inglaterra, França e Espanha de maneira mais ampla, assim como Holanda utilizaram terras coloniais para plantio de cana-de-açúcar a partir da mão de obra escravizada. A inserção de tais territórios à produção de açúcar possibilitou a acumulação de capitais nas metrópoles financiando sua industrialização. Além de países do Caribe, o Brasil, especialmente no Nordeste, também foi palco de intensa produção açucareira nos mesmos moldes coloniais.

Eduardo Galeano no livro *As veias abertas da América Latina*, aborda os efeitos da monocultura nos solos e na vulnerabilidade das pessoas envolvidas nesse processo. Ele evidencia como os camponeses deixavam de plantar alimentos para sua subsistência de maneira forçada e também como a população africana escravizada e seus descendentes foram retirados dos seus territórios originários para abastecer essa produção açucareira. Da mesma maneira, cita como, em países como Brasil e Cuba, os quilombos, como Palmares ou as regiões montanhosas, apresentavam cultivos diversos para a alimentação da sua população sendo a destruição desses plantios um dos principais atos de colonos e capatazes, quando invadiam um quilombo. Ademais, observando especificamente o Caribe, e buscando o comum dentro do diverso, temos dois países que apresentaram elevada produtividade de açúcar e que hoje, apesar do histórico comum, apresentam cenários muito distintos acerca da questão alimentar: Haiti, já nomeada como Pérola das Antilhas, então, ilha de Saint-Domingues e Cuba, a maior das Antilhas.

Em média, o consumo diário aparente em Cuba atende às recomendações nutricionais, ainda que os desafios acerca da problemática de acesso físico e econômico existam, e deve ser levada em consideração, a complexidade de um cenário heterogêneo de acordo com a zona de moradia, padrão cultural e nível de renda (WONG, GÁRCIA, NOVA, 2022). De acordo com o relatório da FAO, a prevalência de desnutrição da ilha é menor que 2,5%. Já no Haiti, essa proporção é de 45%, com 82,6% de insegurança moderada ou grave. (FAO, 2023)

Em momentos históricos distintos, ambos os países buscaram romper com o que os colonizadores impuseram: a escravidão, o subdesenvolvimento e a fome. A Revolução Haitiana que começa no final do século XVIII e declara-se vitoriosa em 1804 – derrotando a França e tropas de Napoleão Bonaparte -, transformou o país no primeiro território americano livre da escravidão e, enquanto queimava as monoculturas marcada pelo sangue da população escravizada, tinha como preocupação a concessão de terras para produção de bens de primeira necessidade. Este projeto foi intensamente perseguido desde o assassinato de Dessalines até a atual influência dos Estados Unidos da América ao destinar

as terras para -uma vez mais- promover a produção de itens exportáveis, exploração da madeira, instalação de zonas francas. Assim, possibilitando, de um lado, a utilização das mesmas por grandes capitais como a Haytian American Sugar Corporation (HASCO) ou United Fruit. Por outro lado, criando espaço para criação de um mercado dependente de arroz, convenientemente, arroz estadunidense. Movimentos de camponeses contrários foram duramente massacrados e muitos destes, inclusive, eram enviados para Cuba para trabalhar justamente nas plantações de cana. Já Cuba, depois da Revolução Haitiana, dada a proximidade geográfica - mas não apenas - apresenta elevado aumento da produção de açúcar em seu território e de maneira mais intensa, no Oriente da ilha. Em 1959, outra Revolução marca a história do Caribe: a Revolução Cubana que busca desde então romper com a imposição da monocultura da cana e com a estrutura latifundiária. De igual modo, assim como no Haiti, inúmeras tentativas para frustrar o processo revolucionário são impostas. Contudo, a realização das reformas agrárias e da priorização à alimentação do povo, declarada desde o primeiro ano da Revolução, encontra maior efetividade.

Desde então, ambos países – e a região do Caribe como um todo – são marcados pela intensa presença estadunidense. No caso do Haiti, a elaboração de políticas e intervenções militares marcam as chamadas tentativas de estabilização. No caso de Cuba, há o bloqueio – que afeta intensamente o setor agropecuário – e a presença de uma base naval no território de Guantánamo. No Haiti, a cartilha neoliberal foi aplicada de maneira impositiva, contudo, o fato de apresentar o maior número de desnutrição das Américas, coloca em questão a eficiência de tais políticas, uma vez que as mesmas impactaram também o setor agroalimentar. Em Cuba, os desafios de diferentes ordens, inclusive internos, são intensificados de maneira significativa por conta do bloqueio, especialmente no acesso a insumos e tecnologias para a cadeia agroalimentar. Como comum, o passado colonial e destinação das terras ao plantio de açúcar para acúmulo das metrópoles, as revoluções e a presença estadunidense, ainda que de diferentes formas, pela imposição da cartilha neoliberal ou pelo embargo. Como diverso, os distintos cenários dos países resultantes de diferentes políticas e suas prioridades. Galeano é certo quando cita diretamente Augusto Cochin “A história de um grão de açúcar é toda uma lição de economia política, de política e também de moral” (p. 116). Quantos grãos podemos citar além do açúcar? Nos interroga -uma vez mais- Galeano: “O passado é mudo ou continuamos sendo surdos?” e igualmente nos adverte: “A independência se restringe ao hino e à bandeira se não se fundamenta na soberania alimentar. Tão só a diversidade produtiva pode nos defender dos mortíferos golpes da cotação internacional, que oferece pão para hoje e fome para amanhã. A autodeterminação começa pela boca”. (p. 7)





Benedito Calixto de Jesus. Moagem de Cana. Fazenda Cachoeira, Campinas, 1830.
Acervo do Museu Paulista da USP